

2ª PARTE

ESTUDOS

Amigo Poeta:

Noemi Elisa Aderaldo

Do poemário *Estrela Azul* de Horácio Dídimo, pode dizer-se, dentre muitas outras coisas, ser um milagre de síntese, em que o Poeta, como um grão-mestre do seu linguístico brinquedo, derrama sabedoria e joga imaginativamente com as palavras como a criança, ora sobre uma mesa, ora no chão da sua casa, com inesgotáveis, variadíssimos e pequenos brinquedos.

Nosso inventivo e incansável Mestre, sobre o imenso oceano do nosso português, colhe e joga, em todos os sentidos, galhados tufos silábicos sonoros.

Esse lúdico aspecto, porém, não é senão um detalhe da sua sábia e criativa imaginação.

A horaciana poética leitura não cansa, tão rico é o cabedal das incontáveis invenções e a ímpar graça dos seus linguísticos achados e poéticas considerações.

Porém Horácio não apenas brinca e joga com a linguagem, pois seu poemário é, mais que tudo, um estuário de sabedoria, como, dos poemas seus, a maioria. Pelo menos no que se refere à sua *Estrela Azul*. Mas também, certamente, aos seus restantes livros, que são muitos.

Com uma certa ironia em relação às coisas que se haveria de fazer, diz no poema intitulado "Eu bem que acreditei":

"Que as nuvens plúmbeas vão aterrissar que as aves migratórias vão voltar que os horizontes vão se aproximar e que as coisas enfim vão melhorar".

Ainda em sua linha de ironia, diz nosso poeta em "Ano Novo de Novo":

"Não há nada que aconteça
Por um triz
É mais um ano

Que mete o nariz.
O que tinha de ser feito
Eu bem que fiz
O que era pra esquecer
Já me esqueci.
Ano novo de novo
eu também quis
Entregue tudo a Deus
Seja feliz”.

E com os olhos cheios de bondade,
Em “Lá vai Ele”:

“Lá vai o Papa Francisco
montado num jumentinho
Vai seguindo Jesus Cristo
Verdade, vida e caminho!”

E em “Bioadiversidade”:
“A vida é luta sem fim
A justiça é para poucos
A natureza é assim
Sempre uns comendo os outros”.

Voltando-se para a vida comum em que estão todos:
“Que eu não sabia de nada
eu não sabia
Que eu não enxergava nada
eu não sabia
Que por mim não posso nada
eu não sabia
Um dia fiquei sabendo
E acreditei.”

Em "A Fila dos Aposentados":
"Quando se espera na fila
O tempo não tem futuro
Parece uma lagartixa
fiscalizando o seu muro.
E quando a fila é no Banco
o relógio se encomprida.
A hora vai se espichando
Por um beco sem saída".

É a inteligência ditada pelo Coração, e com o apanágio da Cultura que fundamentalmente perfazem, numa síntese perfeita, o Ser, a Vida e a Obra dessa Pessoa tão extraordinária pela sua raridade, mas tão acessível pela sua naturalidade e pela sua humanidade.

O homem respira sua Poesia, e sua Poesia encarna o batimento do seu coração.

Horácio não se destingue por rompanes nem por singulares e rebuscados atavios de genialidade. Sua genialidade, ao contrário, repousa na mesmidade da sua simplicidade. Esta, talvez, sua qualidade fundamental, congeminada, por isso mesmo, com a inevitável originalidade da mesma, já que o simples e o genial quase nunca estão juntos na literatura. Poderíamos, entretanto, constatar e afirmar, paradoxalmente talvez, que a genialidade horaciana repousa na sua inquestionável simplicidade, a partir, inclusive, da extremamente reduzida extensão dos seus versos e dos poemas.

Este fator, aliás, implica uma questão profundamente paradoxal, já que tal redução, como acabamos de ver, implica simplicidade.

Simplicidade, aliás, é uma das características fundamentais do homem Horácio. Alegria e Pureza constituem, com certeza, outras tantas, comuns estas às Crianças.

Não por acaso, é claro, devido a tais qualidades existenciais, Horácio conserva extremada admiração por elas, como aludi, cuja natureza preserva aqueles dons de Menino, fatores esses que utiliza nos ensinamentos religiosos dos seus cursos, aos que os freqüentam.

Os dons de Alegria e Pureza, que Horácio mesmo trilha e cultiva, transparecem em sua própria Poesia, cuja autenticidade incorpora a sua busca do Divino, expressa na Bondade e nos demais dons que cultiva.

O curso que dá tem como nome “*Pai Nosso*”, no qual nos orienta ao desprendimento das coisas passageiras e a atingir o sublime, que provém do despojamento, e do dar-se integralmente ao Maior.

Não lhe interessa o aparecer ante os homens, mas o ser descoberto por Deus, e ser, pelo menos, um dos seus escolhidos.

Das inúmeras avaliações intuitivas, de natureza, por assim dizer, contemplativa, tanto na poemática horaciana como do homem que a criou e que há muitos anos conhecemos, ressalta, acima de tudo, a percepção da Natureza em Horácio e sua consequente Poesia. Convergentemente, eclodem intuições acerca das percepções de elementos da natureza.

Horácio vê e sente a Criança. Sua inocência, sua pureza e sua alegria como expressões diretas do Divino, o que, de alguma maneira, santifica o seu brincar e sua maneira de ser.

E poderíamos dizer que se cumpre, em Horácio, numa religiosidade de natural, uma espécie de absoluto panteísmo, por que, de certa forma, para ele tudo é Deus, especialmente a Natureza. E trata como expressões do Divino árvores e flores, animais – especialmente pássaros, borboletas e peixes – rios, mares, nuvens, águas e ventos, sol céu e estrelas.

Horácio finaliza o seu livro *Estrela Azul* (da Fé e da Poesia) com um poema dedicado à sua Evendina, no qual diz:

Tenho saudade de mim
porque sou apaixonado

Porque vejo a estrela azul
dentro do meu planetário

Porque passado e futuro
Se juntam no aniversário

Porque o vento assobiando
Vai levando o meu recado

Porque o tempo do Natal
ilumina o meu sobrado

Tenho saudade de mim
porque sou assim e assado

Porque sou meio lesado
porque sou apaixonado.